

**O CAMPUS E A CIDADE: MEMÓRIAS E
REFLEXÕES DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO
PAULO NO CAPÃO REDONDO**

**THE CAMPUS AND THE CITY: MEMORIES AND
REFLECTIONS OF THE ADVENTIST UNIVERSITY
CENTER OF SÃO PAULO IN CAPÃO REDONDO**

Rosane Segantin Keppke¹

Raíssa Pereira Cintra de Oliveira²

Cleide Duarte Doerner³

Resumo

O Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), antigo Colégio Adventista Brasileiro, posteriormente Instituto Adventista de Ensino, é uma instituição de ensino centenária localizada no Distrito do Capão Redondo. Foi fundado em 1915 para ser o seminário brasileiro de preparação de pastores, missionários e funcionários, quando ainda era zona rural do extinto município de Santo Amaro. A distância dos centros urbanos era adequada para a vida acadêmica, laboral e religiosa dos jovens estudantes.

No entanto, a expansão da mancha urbana os atingiu, desconstruindo seu ideal idílico e confiscando a maior parte de suas terras para a construção de Habitação de Interesse Social. Foi uma experiência marcante e pioneira de autoconstrução coletiva com assistência técnica em São Paulo e no Brasil antes mesmo do Estatuto da Cidade.

¹ Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Mestre em Administração Pública e Governo, arquiteta da Prefeitura do Município de São Paulo, professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Unasp.

² Doutora e Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Unasp.

³ Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Unasp.

O artigo descreve este estudo de caso pela abordagem do Unasp e, por outro lado, pelos pesquisadores e arquitetos que acompanharam o início da política contemporânea de Habitação de Interesse Social no Brasil. A discussão fundamental é se o Unasp se tornou um oásis ou uma diáspora nas “quebradas” do Capão Redondo. Concluindo, este processo ainda está inacabado, porém, atualmente, a maioria dos estudantes se constitui de não adventistas, e as crescentes práticas de extensão estão induzindo a comunidade do entorno a se apropriar cada vez mais do Unasp.

Palavras-chave: Capão Redondo, Periferia, Habitação Social, Educação Confessional.

Abstract

The Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), former Brazilian Adventist College, later Adventist Teaching Institute, is a centenary educational institution located in the Capão Redondo District. It was founded in 1915 to be the Brazilian seminary for preparing preachers, missionaries and employees when it was still a rural area of the extinct municipality of Santo Amaro. The distance from urban centres was suitable for the academic, work, and religious life of young students.

However, urban sprawl reached them, deconstructing its idyllic ideal, and confiscating most of its land to build Social Housing. It was a remarkable and pioneer experience of collective self-building and technical assistance process in São Paulo and Brazil even before the City Statute.

The article describes this case study by the Unasp’s approach and, on the other hand, the scholars’ and architects’ who accompanied the modern Social Housing beginning. The fundamental discussion is whether Unasp has become an oasis or a diaspora in the “Quebradas” of Capão Redondo. Concluding, this process is still unfinished, but nowadays most are non-Adventist students, and the growing practices of extension are inducing to the surrounding community effectively appropriate the Unasp.

Keywords: Capão Redondo, Precarious suburbs, Social Housing, Confessional Education.

1. O Unasp e sua relação *campus*-cidade

Um oásis para a comunidade? ou uma diáspora ilhada nas “quebradas” do Capão Redondo? Dicotomias e confluências moldaram a relação *campus*-cidade do centenário Instituto Adventista de Ensino (IAE), atual Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), no espaço urbano. A escola rural, fundada em 1915, tinha o objetivo de tornar-se o seminário e centro de formação missionária adventista no Brasil.

Segundo Hosokawa (2001), os dirigentes da época consideraram que era uma localização estratégica em todas as escalas geográficas pretendidas. Situada no então município de Santo Amaro, tinha as dimensões e características rurais desejáveis para um seminário, para uma educação que visava ao desenvolvimento físico, intelectual e espiritual dos estudantes, seguindo a tradição ética protestante, o que permitia a peculiaridade do trabalho associado ao estudo e à moradia na modalidade de internato.

Distava idealmente das mazelas e dos vícios urbanos e era condizente com a vida eclesial, porém se encontrava perto o suficiente para disseminar o evangelho na cidade de São Paulo e, a partir daí, formar uma membresia que desse suporte às missões de evangelização em todo o Estado, o País e ir além de suas fronteiras.

Em 1922, “Rumo ao mar” era o lema da primeira turma de formandos desse que seria o principal seminário adventista da América Latina, vocacionado para formar pastores, missionários e obreiros da organização em nível nacional e internacional.

As dimensões do terreno, recursos hídricos e naturais, sua localização rural com escassos moradores nas redondezas, distando oito quilômetros do núcleo urbano de Santo Amaro, foram razões decisivas para a aprovação da compra. Além disso, a futura escola estaria mais acessível aos brasileiros por sua centralidade em relação ao território nacional. Os santamarenses eram servidos por uma linha regular de bonde até a capital de onde ferrovias alcançavam o interior de São Paulo e os estados do sul e sudeste, além da São Paulo Railway que chegava até a cidade de Santos, escala obrigatória de rotas marítimas que atingiam o litoral brasileiro, os países platinos, a Europa e Estados Unidos. (HOSOKAWA, 2001, p. 87).



Figura 1 – Estrada de Itapecerica em 1925.

Fonte: Acervo do Centro de Memória do Unasp.

Seus primeiros dirigentes e professores eram missionários formados na matriz estadunidense, porém predominavam os de origem alemã, de modo que a presença teutônica em Santo Amaro foi um

atrativo de localização e um facilitador das primeiras conversões à Igreja Adventista. No *campus*, falavam-se os idiomas português, inglês e alemão.

Por outro lado, a prevalência germânica gerou percalços com os vizinhos e as autoridades durante a Segunda Guerra Mundial. Isso motivou a nomeação do primeiro diretor brasileiro da instituição, Domingos Peixoto da Silva, que, por seu turno, procurou as autoridades federais para demonstrar a natureza apolítica da organização e pedir isenção do serviço militar aos alunos, oferecendo, em troca, a formação de enfermeiros-padioleiros. Para tanto, o então Colégio Adventista Brasileiro foi a primeira instituição a receber mentoria da Cruz Vermelha.

Em razão da exigência do governo quanto ao serviço pré-militar obrigatório nas escolas secundárias, o CAB antecipou-se a fim de evitar confronto com sua posição de não-combatência. Foi adaptado um curso pré-militar com instrução de primeiros socorros, funcionando o mesmo entre 1943 e 1946. Este assunto promoveu uma série de contatos com o governo brasileiro até que o Ministério da Guerra reconhecesse mais tarde o curso de formação de socorrista-padioleiro (HOSOKAWA, 2001, p. 136).

O início modesto, com duas dezenas de alunos acampados em tendas, evoluiu para um conjunto de edifícios notáveis (hoje tombados), uma próspera fazenda leiteira e uma indústria de alimentos vegetarianos: a Superbom. Abrir oportunidades de trabalho era condição necessária para expandir as vagas, considerando o modelo acadêmico, confessional e profissionalizante combinado com o modelo de autofinanciamento dos estudos.

O “Colégio” foi pioneiro em ter telefone e automóvel, estabeleceu sua própria olaria, suas próprias oficinas, gerou sua própria eletricidade e pavimentou o Morro do S, subida íngreme da Estrada de Itapecerica que ficava intransitável com as chuvas mais intensas.

O CAB trouxe a modernização para uma área rural e isolada do Capão Redondo. A estrada passou a ser mais bem conservada e permitiu o trânsito de automóveis. O trajeto entre Santo Amaro e Capão Redondo era percorrido por carros de bois até que o seminário comprou em 1919 o primeiro automóvel Ford para uso do diretor e para atender as necessidades de condução de professores e alunos. Para gerar a própria energia e atender a comunidade escolar, uma roda hidráulica da Alemanha foi encomendada. Enquanto aguardavam o equipamento, construíram uma barragem com blocos extraídos de uma pedreira localizada na propriedade. A iluminação do seminário, em 1917, foi um acontecimento significativo para a escola (op. cit., p. 130). [...] Assim que o seminário foi implantado no bairro do Capão Redondo, algumas famílias foram atraídas e passaram a residir nas proximidades da escola. Os primeiros que se estabeleceram nas imediações eram membros da IASD que, buscando instrução para os filhos, venderam suas terras em outros estados e compraram terrenos mais valorizados em São Paulo (id., p. 137).

Indubitavelmente, o Unasp corroborou o eixo de conurbação rumo ao município de Itapecerica da Serra, a partir de meados do século XX, quando Santo Amaro já havia sido incorporado pelo município de São Paulo. Nesse momento, o Extremo Sul da capital não era mais colônia de alemães, mas sim de imigrantes nacionais, sobretudo nordestinos, atraídos pela proximidade dos empregos da Zona Industrial Santo-Amarense (então rebaixado a Distrito).



Figura 2 – Unasp e Capão Redondo no início dos anos 60.

À esquerda, a Superbom; ao centro, o Unasp, à época Colégio Adventista Brasileiro; ao fundo, os loteamentos que se formavam no entorno. Fonte: Acervo do Unasp.

Moradia acessível só encontrariam no Capão Redondo e outros distritos e municípios limítrofes da região metropolitana, de modo informal, por meio de aluguel ou autoconstrução. Foram sendo formados os primeiros loteamentos populares e foram surgindo as ocupações de terrenos ociosos e de áreas públicas – prática intensificada pelos movimentos de moradia que andavam paralelos aos movimentos sindicais e comunidades eclesiais de base (KOWARICK; BONODUKI, 1994; FERNANDES, 1994).

Nas duas últimas décadas do século XX, um somatório de acontecimentos desencadeou o *boom* periférico, notadamente nos distritos ao sul, redefinido radicalmente o território. Nas décadas de 80

a 2000, houve um intenso crescimento demográfico da periferia graças aos movimentos migratórios, à maior taxa de natalidade das famílias de baixa renda e à fuga dos aluguéis e imóveis mais caros do centro.

Em paralelo, o fim da ditadura, os direitos garantidos pela Constituição Federal, o Estatuto da Cidade e o jogo democrático pendiam em favor do movimento de moradia, em que a política habitacional transitava dos grandes conjuntos habitacionais para a regularização urbanística e fundiária das ocupações. A essa época, o Instituto Adventista de Ensino teve a maior parte de sua área desapropriada para dar lugar à “Cohab⁴ Adventista”.

A Figura 3 destaca o terreno do Unasp e da Superbom após a desapropriação, convivendo, agora, com a “Cohab Adventista”. Recebeu esse nome possivelmente por inércia, pois não havia nenhuma participação da membresia adventista. Foi constituída por tipologias residenciais horizontais e semiverticais (térreo mais quatro andares), construídas em mutirão.

O movimento de moradia atribuiu nomes alusivos àquele momento político às novas ruas ali abertas – “Rua da Solidariedade”, “Rua dos Mutirantes”, “Travessa Mutirante Luiz Gonzaga”, etc., cujo ápice é o “Parque Santo Dias”, em homenagem ao sindicalista e militante que morreu na ditadura.

É simbólico que esses nomes e essas ruas estejam próximos a outros que homenageiam pioneiros adventistas: “Rua Domingos

⁴ “Cohab” é a Companhia de Habitação do Município de São Paulo, e, usualmente, os conjuntos habitacionais que produz ficam conhecidos como “Cohab”. O conjunto habitacional que ocupou a área desapropriada da antiga fazenda adventista ficou no Capão Redondo, adjetivado como “Cohab Adventista”.

Peixoto da Silva”, “Rua Ellis Maas” e “Rua Jerônimo Granero Garcia”, entre outros nomes amarenses que se converteram ao adventismo, dentre os quais o próprio “João Dias”, que nomeia a importante via estrutural que dá continuidade à Estrada de Itapecerica no sentido centro.

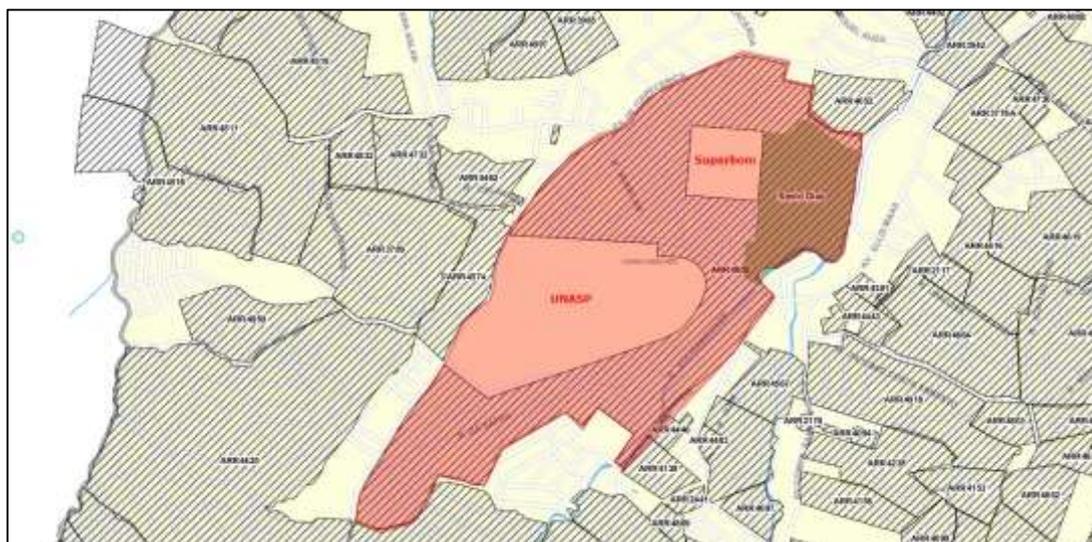


Figura 3 – O Unasp e a “Cohab Adventista”.

Em destaque, o perímetro original da fazenda adventista contendo o perímetro após a desapropriação do Unasp juntamente com a Superbon. Em verde, o Parque Santo Dias.

Fonte: Elaborado a partir do Geosampa⁵

Com os recursos da desapropriação, o seminário, enquanto centro de formação de pastores, missionários e obreiros adventistas, migrou para uma nova escola rural ainda maior, no pequeno município de Engenheiro Coelho, que, rapidamente, estabeleceu as educações infantil e básica e expandiu os cursos superiores. O remanescente de São Paulo se transformou numa escola paroquial nos moldes das centenas de escolas de bairro da rede de educação adventista em São

⁵ http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#.

Paulo, mantendo as educações infantil, básica e alguns poucos cursos superiores, a saber, Enfermagem, Nutrição e Pedagogia.

Adiante, porém, essa aparente ruptura *campus*-cidade resultou na ascensão institucional do “Colégio” a Centro Universitário *tricampi*⁶, em que hoje predominam os alunos não adventistas moradores da região tanto na educação superior quanto na básica e infantil, abrindo-se mais e mais para a comunidade. Contudo, entre a segregação e a inclusão *campus*-cidade, cabem mais análises e reflexões, conforme se seguem.

1. Os adventistas e uma indagação sobre sua relação com o espaço

A reflexão trazida neste texto parte de indagações do curso de Arquitetura e Urbanismo, iniciado em 2013 dentro de uma organização religiosa sesquicentenária⁷. A implantação do “Seminário Adventista” na Zona Sul de São Paulo, cem anos antes, mostra que não foi, em absoluto, a abertura recente do curso formador de arquitetos e urbanistas que abriu caminhos para se delinearem, dentro desse meio, as preocupações com um modo de morar ou ocupar a cidade.

De fato, a escolha da implantação de um local de ensino pautado em princípios e valores cristãos adventistas sempre foi, historicamente, preponderante e presente nos escritos específicos da comunidade e, portanto, não devem ser ignorados. Desde a sua concepção, é relevante

⁶ *Campi* São Paulo, Engenheiro Coelho e Hortolândia, à parte o Unasp Virtual (EAD).

⁷ A organização “Igreja Adventista do Sétimo Dia” foi formalmente fundada em 1863.

a centralidade que o espaço tem na doutrina sobre os demais preceitos acerca do estilo de vida adventista.

O espaço é determinante na formação do caráter, no cuidado com a saúde, com a família, com o próximo, com o trabalho, com a economia doméstica, com a alimentação e até mesmo com o planeta, segundo o conceito da mordomia cristã embasado no princípio de que Deus é o criador e mantenedor de todos os recursos, aos quais cabem o respeito, a boa gestão e o zelo dos seres humanos:

Tudo quanto de bom há na Terra, aqui foi colocado pela dadivosa mão de Deus, como uma expressão de Seu amor ao homem. Os pobres são Seus, e Sua é a causa da religião. O ouro e a prata pertencem ao Senhor; e Ele os poderia fazer chover do Céu, se o quisesse. Mas em vez disso fez Ele do homem o Seu mordomo, confiando-lhe recursos não para que fossem acumulados, mas usados em benefício de outros (WHITE, 2007, p. 8).

Ellen White, nascida em 1827 nos Estados Unidos, principal mentora e fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tem escritos endereçados para as diferentes escalas do habitar – da casa ao planeta, em prol de um estilo de vida harmonioso com a cosmovisão bíblico-cristã.

Segundo ela, a arquitetura deve ser simples, despojada, mas confortável, bem dimensionada, em meio ao verde, bem insolada e ventilada, de fácil limpeza e manutenção, aprazível e adequada ao convívio familiar e às funções da casa, em admirável convergência com os princípios da Engenharia Sanitária, das Cidades-Jardins e da Arquitetura Moderna – sistematizados anos depois pela Carta de Atenas (CIAM, 1933) – e com sustentabilidade, contemporaneamente. Trata-

se de um caso peculiar, considerando que ela era mulher de pouca escolaridade e, academicamente, leiga em qualquer campo de formação.

Em sua preocupação sanitária, White aconselhava a membresia a viver no meio rural. Recomendava que empreendessem o próprio negócio, agrícola por excelência, a fim de obterem autonomia em todas as dimensões da vida e os múltiplos benefícios do campo para o corpo e o espírito:

O ambiente material das cidades constitui muitas vezes um perigo para a saúde. O estar constantemente sujeito ao contato com doenças, o predomínio de ar poluído, água e alimento impuros, as habitações apinhadas, obscuras e insalubres, são alguns dos males a enfrentar. Não era desígnio de Deus que o povo se aglomerasse nas cidades, se apinhasse em cortiços. Ele pôs, no princípio, nossos primeiros pais entre os belos quadros e sons em que deseja que nos regozijemos ainda hoje. Quanto mais chegarmos a estar em harmonia com o plano original de Deus, mais favorável será nossa posição para assegurar saúde ao corpo, espírito e alma (WHITE, 2013, p. 257 apud XAVIER; BAUERMANN, 2021).⁸

Numa escala mais ampla, nos “Conselhos sobre o Regime Alimentar”, em pleno século XIX, a autora faz uma correlação entre os alimentos de origem animal e a deterioração do planeta:

[...] não tardará muito, teremos de abandonar o uso de alimentos animais. Mesmo o leite terá de ser rejeitado. Acumula-se rapidamente a doença. [...] Os hábitos e práticas dos homens levaram a Terra a tal condição que algum outro alimento precisa substituir a carne para a família humana.

⁸ Agradecimento às professoras Janaína Xavier e Jussara Bauermann, que organizaram e disponibilizaram um apanhado de textos escritos por Ellen White a respeito da Arquitetura e do Urbanismo em suas mais diversas escalas de atuação da organização interior da casa até à cidade. Os principais temas são: Urbanismo, Luz Solar, Ventilação e Temperatura, Ambientes, Decoração e Interiores e Orçamento.

Não necessitamos absolutamente de alimento cárneo [...] (WHITE, 2007, p. 328).

Em consonância com as recomendações de Ellen White, nas instituições rurais e periurbanas de saúde e educação adventistas e, por conseguinte, nos *campi* do Unasp identifica-se claramente o propósito e o modelo idealizado, a dizer, antiurbano, pautado na produção agrícola e na vida espiritual. Contudo, são tais práticas seguidas por toda a membresia?

Não cabe, aqui, uma generalização, considerando que tais conselhos temáticos whiteanos compõem os valores secundários, e não os valores fundamentais da doutrina de base bíblica, todavia um fenômeno comum às instituições adventistas foi a aglutinação de membros em torno delas, tal qual um *buffer*, vivendo mais próximo ao estilo de vida aconselhado por ela, qual seja, de modo periurbano ou rural, praticando o vegetarianismo e dedicando-se mais ativamente à religião, como se faz dentro do seminário. Quanto ao sustento, boa parte desses membros é composta de obreiros, funcionários, famílias de alunos, aposentados, empreendedores ou profissionais liberais.

Paradoxalmente, para a vizinhança certamente o resultado parece uma diáspora, que mais acentua a segregação do que a missão evangelizadora, propriamente dita – o que explica, em parte, a dicotomia que aconteceu com o Unasp no Capão Redondo. Para além desse problema, a utopia do isolamento da cidade estaria fadada ao crescimento desordenado da mancha urbana, que, literal e

forçosamente, chegou ao *campus* e trouxe os males citadinos para serem enfrentados, sendo o pior deles a violência.

Segundo a ONU, em 1996 os Distritos Jardim Ângela, São Luís e Capão Redondo – cujas fronteiras “são tênues e imprecisas no imaginário local” tinham o estigma de região mais violenta do mundo (MATHEUS, 2018, p. 6).

Nesse sentido, o Unasp precisou discernir e se reinventar dentro do princípio conhecido no meio adventista como “a verdade presente”, ou seja, interpretando a doutrina no contexto presente, que, no século XXI, é muito diferente do século XIX – época de sua fundação, a começar pelos 85% de população urbana no Brasil (IBGE/ PNAD 2015⁹) e pela invasão das tecnologias de informação e comunicação na vida das pessoas, sejam urbanas, sejam rurais, discussão que será retomada adiante.

2. 1960-80: O Unasp na mirada dos projetos de moradia popular

Nesta parte, o texto aborda um momento significativo na modificação sobre a relação do Unasp com o seu entorno imediato. E essa mudança é marcada principalmente a partir da década de 1960, quando a periferia da cidade ganhou corpo como alternativa de moradia para uma enorme quantidade de pessoas de baixa renda.

Segundo Kowarick e Bonduki (1994), a periferização da cidade se inicia já na década de 1940 com o amplo processo de expulsão de

⁹ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>. Acesso em: 30 jan. 2022.

moradores de baixa renda da área central da cidade. E é esse processo, somado à inexistência de políticas habitacionais, que abre frente para a exploração dos loteamentos periféricos, facilitados inclusive pela adoção gradativa do transporte público sobre rodas.

Essa exploração de lotes distantes do centro desenha esta única alternativa de moradia para a população de baixa renda: a moradia de aluguel ou a casa própria baseada na autoconstrução em locais distantes do centro. Esse cenário de falta de alternativas de moradia para a população de baixa renda é acelerado e torna-se ainda mais agravado nas décadas seguintes, quando São Paulo tem um pico de crescimento demográfico muito significativo.

Nem o mercado imobiliário nem as tímidas políticas habitacionais vigentes conseguiriam prover moradia para essa massa da população de baixa renda. Este resumo, bastante simplificado sobre o processo de periferização e falta de moradia acessível para essa camada da população, apenas sistematiza as implicações que se darão nos anos 80, quando surge, de fato, uma mobilização em massa dos movimentos de moradia para a ocupação de terrenos e imóveis ociosos na cidade. Estima-se que a maior mobilização, em 1987, teve a participação de 50 mil famílias nas ocupações (*op. cit.*).

Essa história, narrada sobre o que significa o quadro estabelecido por enormes quantidades de ocupações ilegais em decorrência da histórica falta de possibilidades de acesso à moradia tanto da parte do Estado quanto do mercado imobiliário, é o que define o pano de fundo

para a modificação do próprio espaço preconizado pelo Unasp em suas origens.

No Capão Redondo, essas moradias, prioritariamente de migrantes nordestinos, praticamente “engoliram” a área do antigo Unasp. Eram ocupações que foram se formando nas periferias da metrópole. Foi assim que a instituição percebeu que sua localização havia se tornado inadequada para o modelo rural, ao mesmo tempo em que, obrigatoriamente, o problema da moradia se pautava como um dos principais problemas urbanos de São Paulo. Além disso, as lutas pela moradia começavam a se organizar em todas as regiões da cidade.

O resultado do quadro, aqui já esboçado, foi uma enorme pressão popular sobre as terras pertencentes ao Unasp, o que levou à desapropriação de aproximadamente 80% do terreno para a construção de Habitação de Interesse Social (Decreto n.º 15.877, de 11 de maio de 1979).

O Governo cedeu às pressões do movimento de moradia durante a ditadura, antes mesmo da Constituição Federal de 88, revelando uma das facetas da transição democrática como sendo uma via de mão dupla: por um lado, se agigantava a articulação da sociedade organizada, que, pouco tempo depois, culminaria com a mobilização nacional pelas “Diretas Já”; por outro lado, o esgotamento do desenvolvimentismo, do militarismo e seu ocaso gradativo no poder (FERNANDES, 1994).

Há poucos registros sobre os antecedentes e as repercussões dessa política de regularização fundiária pré-Estatuto da Cidade, no entanto essa falta de informação não é exclusiva ao Capão Redondo, mas se dá

também no próprio ofício da Arquitetura e do Urbanismo justamente porque é um período pouco frutífero enquanto discussões e publicações daquilo que estava se dando no campo disciplinar desde o fechamento das principais revistas, da impossibilidade de discussões, da míngua dos concursos ou da fuga política de vários arquitetos do Brasil.

A revisão desse momento da Arquitetura e do Urbanismo começa a aparecer nos anos 1990 com a própria constituição dos cursos de pós-graduação, das pesquisas, teses, publicações e das exposições internacionais nos anos 2000. Uma dessas revisões direcionadas ao público internacional, a obra “Arquitetura Moderna Brasileira” (ANDREOLI; FORTY, 2004), teve como objetivo apontar alguns rumos da arquitetura nacional dos anos 60 até 2000, numa tentativa de sistematizar o “vácuo” sobre a produção brasileira no período.

Nesse sentido, o livro aponta alguns caminhos e destaques na produção arquitetônica após a década de 60, dentre os quais estão os laboratórios experimentais de assistência técnica aos mutirões de Habitação de Interesse Social – justamente a realidade vivenciada pela Cohab Adventista na Zona Sul da cidade – sobre as terras que foram desapropriadas do Unasp.

O texto “Reinventando o canteiro de obras”, de Pedro Fiori Arantes (2004), traça um percurso sistemático sobre essa Arquitetura apartada do circuito reconhecido pela historiografia erudita sobre a produção arquitetônica paulista, frequentemente reconhecida como brutalista, ou mesmo com as experimentações a partir da concepção vinda da relação entre planejamento e industrialização.

As experimentações conduzidas pelas pesquisadas acadêmicas são aquelas que tangenciam a história da finalidade do terreno desapropriado no Capão Redondo, que iniciou uma modificação na relação do Unasp com o seu entorno. Essa história tem ligação direta com a organização dos movimentos de moradia e a incubação das primeiras assessorias técnicas, as quais pautavam novas metodologias de projeto e execução, principalmente aquelas baseadas num projeto coletivo e que, portanto, tinham como premissa a participação e a produção por meio dos mutirões autogeridos.

O ponto de partida proposto por Pedro Arantes (2002) é a releitura de Flavio Império, Rodrigo Lefèvre e Sergio Ferro (1982) sobre os canteiros de obras de Brasília. Segundo o testemunho deles, a capital moderna, reconhecida internacionalmente pelos traços de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, escondia uma enorme contradição sob a óptica da sua produção, uma vez que era composta por mão de obra extensiva de migrantes com baixa qualificação, os quais trabalhavam em condições muito precárias. Arantes (2004, p. 175)¹⁰ faz grifo a “*longas jornadas de trabalho, baixos salários, má alimentação, mortes por quedas e soterramentos, epidemias, etc.*”.

O exemplo de Brasília não era isolado, revelando um tipo de desenvolvimento forjado sobre uma massa empobrecida de trabalhadores saídos do campo para a construção civil. Tal percepção mobilizou um manifesto questionando a convivência dos arquitetos e

¹⁰ Sobre este cenário descrito, ver o documentário “Conterrâneos Velhos de Guerra”, de Vladimir Carvalho, produzido em 1990.

ensejando a reforma curricular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, que reverberou nas demais.

Em contraponto, propunha-se o reconhecimento da nossa realidade e o provimento de soluções próprias a partir da carência de recursos, procurando a valorização do mínimo necessário: a economia construtiva e uma ética do trabalho desde a sua gestação.

O grupo, nominado “Arquitetura Nova”, experimentou alternativas para diminuir o custo da construção da habitação, portanto meios para democratizar o acesso à moradia (ARANTES, 2002). Diante do contexto periférico e do modo de ocupação autogerido, seria necessário estabelecer um diálogo com os autoconstrutores de suas casas, pois era esse o modelo predominante nas grandes cidades brasileiras, a exemplo do nosso perímetro de estudo na Zona Sul de São Paulo. As questões técnicas do projeto indicavam fundamentalmente uma redução de custo e uma simplificação das etapas de construção.

Sergio Ferro foi exilado na França, onde continuou suas pesquisas como professor em Grenoble. Império e Lefèvre continuaram no Brasil trabalhando em diferentes frentes de atuação, além do envolvimento com a atividade docente. A dissertação (mestrado) de Rodrigo Lefèvre (1981) descreve alguns princípios sobre as possibilidades da construção em massa de moradias populares por mutirão.

A participação do povo no processo de construção da casa (e do bairro) seria um momento de aprendizagem acerca da cultura urbana

aos moldes pedagógicos freirianos¹¹ sobre o que se pode compreender do mundo, criticá-lo e modificá-lo. Em suma, o trabalho em mutirão significava possibilitar o momento de construção como um processo de educação emancipadora, tendo a realidade de cada comunidade como ponto de partida.

Esse princípio ainda hoje norteia os laboratórios acadêmicos, as ações e as assessorias técnicas¹² comprometidos com os problemas habitacionais na complexidade de sua dimensão política, urbana, fundiária; da dimensão do trabalho, da dimensão social e econômica. Arantes retoma essa gênese crítica da produção da arquitetura voltada a uma solução alternativa do problema da habitação no País.

Para além das discussões teóricas formuladas na década de 60-70, é importante destacar o agravamento do problema da moradia a partir da década de 80 a ponto de provocar grandes mobilizações reivindicatórias que se faziam presentes em greves, pressões sindicais e crescente organização dos movimentos de moradia. Tais movimentos revelavam a imensa precariedade periférica preterida de direitos básicos.

Alguns arquitetos e estudantes ofereceram suporte técnico aos movimentos e às comunidades. Um desses arquitetos foi Joan Villà, nascido em Barcelona e formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1968, e cuja atuação como coordenador do Laboratório

¹¹ Paulo Freire escreveu a *Pedagogia do Oprimido*, 1964-68, que foi publicado em 1974. É uma obra ainda considerada fundamental no mundo todo para se pensar a relação entre professor, aluno e sociedade.

¹² Uma dessas assessorias técnicas é a Usina-CTAH, Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado, fundada em 1990 por profissionais de várias áreas de atuação, dentre os quais estão três arquitetos que trabalharam no Lab/Hab da Unicamp.

de Habitação dentro do curso da Belas Artes, na década de 70, é muito relevante para compreender essa história¹³.

O Lab/Hab foi pioneiro em projetos de extensão universitária por atuar como assessoria técnica prestadora de serviço às periferias de São Paulo. Nesse período, em uma viagem para o Uruguai, e em visita aos mutirões, Villà teve contato com um modelo pré-fabricado de construção, levando-o a pensar em um sistema construtivo próximo àquele já utilizado pelas comunidades periféricas brasileiras, e então propõe um painel similar às lajes mistas já existentes e muito utilizadas pela população (treliças e tijolos baianos), que foi chamado de “painel cerâmico”.

Essa ideia foi experimentada na construção de protótipos na Unicamp, que, logo em seguida, aplicou-a num projeto de moradia estudantil (MONTANER; MUXÍ, 2011, p. 28). Em projetos com grandes vãos, como centros comunitários, por exemplo, utilizou-se da mesma técnica, porém adotando painéis curvos constituindo abóbodas¹⁴, dialogando com as ideias defendidas pelo grupo Arquitetura Nova, descrito anteriormente.

¹³ No início dos anos de 1970, Villà exilou-se na Europa e lá se aprofundou em projetos de pré-fabricação, além de participar no desenvolvimento de projetos para clientes coletivos durante sua estada na Espanha. No seu retorno ao Brasil, mais precisamente em 1975, teve uma experiência similar ao da Espanha, quando filiou-se ao Sindicato dos Arquitetos, uma vez que existia a proposta da realização de trabalhos sociais com a periferia de São Paulo. A partir de então, iniciou sua trajetória acadêmica, passando pela Faculdade de Arquitetura de Santos, pelo Curso de arquitetura e urbanismo da Faculdade de Belas Artes de São Paulo, pela Universidade Mackenzie e pela Unicamp, com atuação no Laboratório de Habitação. Contudo, é sua atuação na Faculdade de Belas Artes que nos interessa aqui, pois em 1982 foi cofundador e coordenador do Laboratório da Habitação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Belas Artes. Também nesse período teve contato com outras ações similares, principalmente as cooperativas uruguaias, que produziam habitações de ótima qualidade com a participação popular na construção de moradia.

¹⁴ A exemplo do Restaurante do Lago, na Unicamp.

Em alguns documentos de reivindicações dos movimentos de moradia de 1986, é possível verificar que tais painéis cerâmicos experimentados na Unicamp foram utilizados no projeto de mutirão no terreno desapropriado na área do Unasp. Na descrição das pressões, a área é citada:

[...] Início de uma nova etapa de negociação com o Prefeito, a partir da aprovação para a construção de dois protótipos do projeto da casa desenvolvida pelo Laboratório de Habitação da Unicamp, no terreno do Instituto dos Adventistas (GOHN, 1993, p. 133).

Na tese “Os laboratórios de habitação no ensino de arquitetura: uma contribuição ao processo de formação do arquiteto” (2006), Roberto Alfredo Pompéia percorre a trajetória dos laboratórios acadêmicos e destaca o projeto elaborado para a Associação Pró-Moradia da Zona Sul – Adventista I, executado por meio de uma cooperação com o Laboratório da Unicamp, e que foi uma das primeiras experiências comunitárias de mutirão em São Paulo, com a meta de construir 370 casas.

No entanto, essa é uma descrição histórica inconclusa, assim como a execução das obras, ainda passível de ser objeto de estudo que evidencie as lutas enfrentadas pela organização comunitária diante dos interesses financeiros dos empreendedores imobiliários da região, merecendo, de fato, um amplo aprofundamento.

Mas o protagonismo dessa narrativa cabe aos participantes dos movimentos de moradia e aos mutirantes. Conta-se que eram “as” mutirantes, e o Senai ofereceu treinamento para elas realizarem as

autoconstruções. Os homens não podiam faltar ao seu emprego formal, ainda que militassem nos sindicatos, nas greves e, clandestinamente, na política.

O Capão Redondo teve seus mártires da ditadura. Santo Dias, o principal deles, deu nome ao parque instalado numa parte da área desapropriada do Unasp por sugestão e homenagem dos movimentos de moradia.

3. O Capão Redondo hoje

Segundo estimativas da Rede Nossa São Paulo (2021), a partir de dados do IBGE (2010) o Capão Redondo teria uma população projetada de 296.378 habitantes em 2020. É o terceiro distrito mais populoso da cidade, predominando as pessoas pretas e pardas (53,9%), as mulheres (52,2%) e os jovens de 0 a 29 anos (45,3%). É o 9.º distrito com pessoas morando em favelas (21,48%). Está em 90.º lugar na oferta de emprego formal a cada dez habitantes da população economicamente ativa (0,6).

A expectativa de vida é de 62,5 anos, enquanto a média municipal é de 68,2. É o 11.º distrito com mais mortes por Covid-19 (20,7% dos óbitos). É o 10.º em mortalidade associada a causas maternas (122,14 a cada 100 mil crianças nascidas vivas), em que pese tenha 88,8 % da população coberta por equipes do programa Estratégia Saúde da Família (a média da cidade de São Paulo é 46,7%). Há 80,7% de matrículas no ensino básico em escolas públicas e conveniadas em relação ao total de matrículas no distrito (a média municipal é 75,1%).



Figura 4 – Unasp e Capão Redondo hoje.

À frente, o Unasp; ao fundo a Superbom; entre ambos, a Cohab Adventista. O Parque Santo Dias emoldura os dois últimos ao fundo. Fonte: Acervo do Unasp.

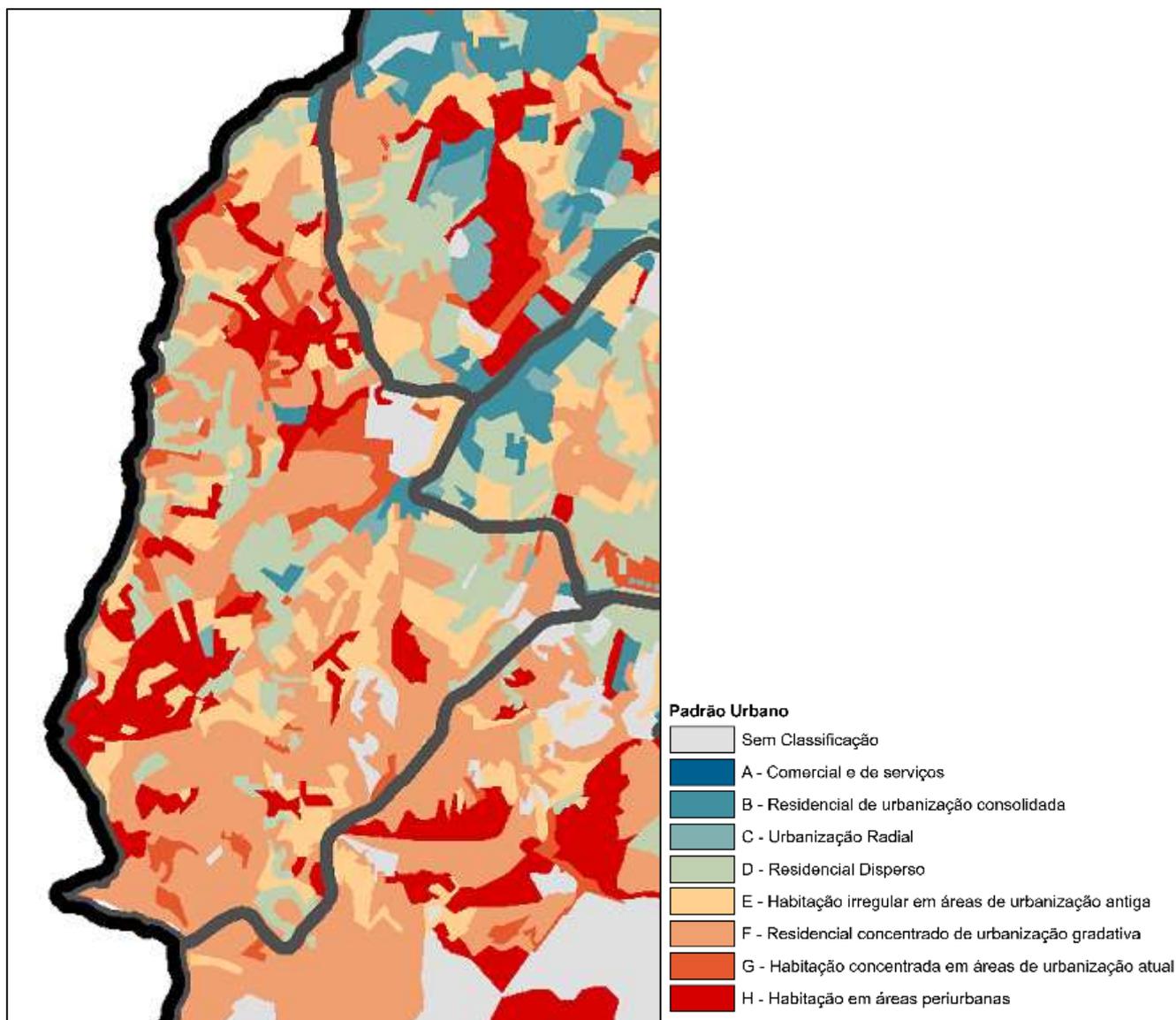


Figura 5 – Padrões Urbano-demográficos (em recorte, o Distrito Capão Redondo).

Fonte: Nery, 2019, p. 19.

A classificação proposta por Nery (2019) é coerente com o retrato demográfico anterior. De acordo com o mapa da Figura 5, os padrões urbano-demográficos do Capão Redondo têm as seguintes características:

- O Padrão “A” (comercial e de serviços) ocorre em *clusters* lineares da Av. Carlos Lacerda, Av. Comendador Santanna e da Estrada de Itapeperica, um deles na altura do Unasp, outro nas

imediações da estação do metrô, confluência com a Av. Ellis Maas, via que leva o nome de um antigo diretor do Unasp.

- Em sendo um distrito-dormitório, nele predominam os padrões de moradia para os segmentos sociais de baixa renda:
 - “D” (residencial disperso) – espalhamento aleatório da mancha urbana, permeado de vazios urbanos. Conforme as glebas rurais eram desmembradas em loteamentos, o Unasp atraiu alguns deles em seu entorno no passado, conforme apontado anteriormente (HOSOKAWA, 2001);
 - “E” (habitação irregular em áreas de urbanização antiga) – são novos desmembramentos e ocupações irregulares que continuam fracionando os primeiros loteamentos;
 - No território predomina o padrão “F” (residencial concentrado de urbanização gradativa), ocorrida no esteio do padrão “D”, de baixa renda, com tendência para tornar-se “G” (habitação concentrada em áreas de urbanização atual); este padrão evidencia o fenômeno do adensamento periférico ocorrido nas últimas décadas devido à maior taxa de crescimento demográfico e ao encarecimento da habitação nas macroáreas de urbanização consolidada da cidade de São Paulo.
 - Restam ainda poucos tecidos de padrão “H” (habitação em áreas periurbanas), que tendem a ser conurbados com os municípios vizinhos, que têm semelhantes padrões urbano-demográficos.

Em termos de divisão político-administrativa, o Distrito Capão Redondo pertence à Subprefeitura de Campo Limpo (uma das 32 da Prefeitura da Cidade de São Paulo), juntamente com os distritos de Campo Limpo e Vila Andrade – esta última é muito conhecida por conter a Favela Paraisópolis em meio a setores censitários de alta renda. Juntos, os três distritos detêm o IDH-M de 0,783, no 2.º pior quartil do município, e o orçamento anual executado ponderado por área e habitante de apenas R\$ 1,83 (KEPPKE *et al.*, 2022, p. 124).

Nos 40 anos da “Cohab Adventista”, não houve tempo nem recursos públicos suficientes para dar conta dos passivos urbano-ambientais e sociais da região. Pelo contrário, novos habitantes e novos passivos vieram a se sedimentar sobre os anteriores, e as ocupações irregulares continuam, agora não mais em terrenos ociosos, mas sim em áreas de preservação permanente, áreas de risco de inundação, solapamento, deslizamento, remanescentes de bioma, espaços livres públicos da Cohab e dos loteamentos em processo de regularização, os quais, pela legislação, deveriam ser bens comuns de uso do povo destinados a áreas verdes e equipamentos públicos, no entanto as irregularidades fundiárias têm sido uma constante.

O metrô chegou ao Capão Redondo, ao “pé” do Morro do S, mas a velha Estrada de Itapeverica continua sendo o único “coletor-tronco” das bacias de tráfego do Distrito. Isso não é um gargalo apenas para a mobilidade municipal e intermunicipal, considerando a conurbação com os municípios vizinhos, mas é também um problema para os

deslocamentos do tipo intrabairros, inclusive para as bicicletas e os pedestres, pois a falta de conectividade da rede viária se agrava com os muitos córregos e as poucas pontes e passarelas.

Mas o retrato mais sensível e legítimo do Capão contemporâneo é revelado pela “cultura da quebrada”, construída pelos *raps* do “Racionais MC”, nas letras e falas carismáticas do “Mano Brown”, pelas iniciativas identitárias periféricas de “Ferréz¹⁵”, “Fuzzil”, Marcos Tecora e tantos artistas de multimídia na música, na literatura, na moda e nos vídeos que ora abundam nas redes sociais por autoria e *upload* de muitos outros autores de codinomes criativos.

Eles fazem a síntese narrativa dos indígenas, portugueses, negros, quilombolas, alemães, nordestinos, católicos, adventistas, sindicalistas, mutirantes, coletivos, das famílias e dos cidadãos representativos que

¹⁵ Ferréz, nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva (São Paulo, 1975), é um romancista, contista, poeta e empreendedor. É ligado à corrente considerada literatura marginal por ser desenvolvida na periferia das grandes cidades e tratar de temas relacionados a esse universo. Dotado de linguagem influenciada pela variante linguística usada na periferia de São Paulo, Ferréz já publicou diversos livros, entre eles *Fortaleza da Desilusão* (1997), *Capão Pecado* (2001), *Amanhecer Esmeralda* (2005) e *Ninguém É Inocente em São Paulo* (2006). É fundador da IDasul, grupo interessado em promover eventos e ações culturais na região do Capão Redondo, ligados ao movimento *hip-hop*. Também possuiu um quadro próprio no programa Manos e Minas, da TV Cultura, chamado “Interferência”, no qual se entrevistavam pessoas para comentarem sobre *rap*. Ferréz é um dos debatedores, ao lado de Karina Buhr, Leonardo Sakamoto e PC Siqueira, do “Programa Piloto”, exibido mensalmente via *internet* pela TV Carta, da revista *CartaCapital*.

Antes de se dedicar exclusivamente à escrita, Ferréz trabalhou como balconista, auxiliar-geral e arquivista. Seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*, foi lançado em 1997. Foi com *Capão Pecado* (2000) que se firmou como um dos melhores escritores da sua geração. Depois de ter lançado o romance *Manual prático do ódio*, escreveu os infantis *Amanhecer Esmeralda* e *O pote mágico*. Lançou, em 2005, o livro de contos *Ninguém é inocente em São Paulo* e *Cronista de um tempo ruim*. Em 2012, lançou o romance Deus foi almoçar. Teve suas obras publicadas na França, Itália, Espanha, em Portugal, no México, na Argentina, nos Estados Unidos, na Alemanha e na Inglaterra. Ligado ao movimento *hip-hop*, fundou o selo *Literatura Marginal, a IDasul*, marca de roupas produzidas no bairro, e a ONG Interferência que atua no Capão Redondo. Teve o conto *Os inimigos não levam flores* adaptados para a TV e para os quadrinhos reunidos na edição *Desterro*. Escreveu para o filme *Bróders* e os seriados *Cidade dos Homens* (Globo) e *9MM* (Fox). Para o Universal Chanel, escreveu a série *171*. Atua ainda como conselheiro editorial do *Le Monde Diplomatique Brasil* e tem um *blog* e um canal no YouTube sobre militância e cultura de periferia. Disponível em: https://www.facebook.com/ferrezoficial/about_details: Acesso em: 8. fev. 2022.

não se esgotariam nesta lista, os quais deram as feições antropológicas que o Capão tem hoje.

Mulheres cantam

Não há ciranda e pés no chão

Eu reconheço a minha mãe ainda jovem

Poeira sobe, crianças correm

O campo aberto, um tempo bom

Eu vejo gente que eu perdi

Vejo palmar e um casarão

E não há dor, nem guerra

Não há miséria, nem mágoa

A nova era prega

E a nossa terra, tudo bem (Mano Brown, “Nova Jerusalém”)

4. Unasp e Capão: de diáspora a oásis: considerações finais

Retomando a reflexão anterior, a interpretação da “verdade presente” trazida pela desapropriação parcial do *campus* original possibilitou a conciliação do modelo rural no Campus Engenheiro Coelho com os *campi* atualmente urbanos de São Paulo (Capão Redondo) e Hortolândia, que deixaram de ser estritamente paroquiais para incluir toda a comunidade local com mensalidades acessíveis e programas de bolsas, viabilizando oportunidade efetiva de mobilidade social por meio de educação formativa para a população vulnerável do

entorno. Atualmente, a maioria dos alunos mora no bairro e não é adventista.

Também os projetos de extensão e voluntariado são hoje menos “Rumo ao mar” e mais “Rumo à cidade”, endereçados às missões urbanas e aos rincões vulneráveis do País. A Adra – Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais tem atuação reconhecida no território. A Policlínica de Saúde e o Centro Médico dentro do Unasp estão entre os cinco equipamentos públicos de atenção especializada de saúde da região. A propósito, o Unasp foi Organização Social de Saúde do Programa Saúde da Família nos anos 2000, e geriu o “Bom Prato” do Capão Redondo.

Com o tempo, a membresia, inclusive os funcionários, distribuiu-se pela cidade, diluindo a diáspora dos primórdios do Unasp, não restando dúvidas sobre sua vocação de oásis destinado para toda a comunidade. A propósito, o Campus São Paulo é o único bem cultural tombado da região, juntamente com o Parque Santo Dias, que foi parte da desapropriação do Unasp. Ambos representam aproximadamente 1,25 m² de área verde por habitante do Capão Redondo e constituem os últimos remanescentes paisagístico-ambientais do Distrito e da região.

Essa história permite melhor compreender a situação vivenciada pelo Unasp nesse período, que continua sendo um ponto de reflexão sobre a sua relação com o entorno, mas que agora está potencializada pela integração entre ensino, pesquisa e extensão, de modo a contribuir para as possibilidades práticas de todos os cursos, mas, em especial, do

arquiteto e urbanista numa realidade cada vez mais complexa sob o ponto de vista da produção da cidade.



Figura 6 – Vista aérea atual do Capão Redondo e do Unasp.

A imagem evidencia a clareira verde do *campus* em meio à densa ocupação do solo no Extremo Sul da cidade de São Paulo. Fonte: Acervo do Centro de Memória do Unasp.

Referências

ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian. **Arquitetura Moderna Brasileira**. Londres: Phaidon, 1994.

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura Nova: Sergio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002.

ARANTES, Pedro Fiori. Reinventando o canteiro de obras. In: ANDREOLY, E.; FORTY, A. **Arquitetura moderna brasileira**. Londres: Ed. Phaidon, 2004, pp. 170-201.

CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna). **Carta de Atenas**. Atenas, 1933. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rFLDCotfM1sJ:portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%2520de%2520Atenas%25201933.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

Acesso em 30.jan.2022

FERNANDES, Rubem Cesar. **Privado porém Público: o Terceiro Setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1994

FERRO, Sergio. **O Canteiro e o Desenho**. São Paulo: Projeto, 1982.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e lutas pela moradia**. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

HAIFFA Y SABAG. Na fronteira da realidade. **Revista Arquitetura e Urbanismo**, n.22, São Paulo: Ed. Pini, 1989, p. 26-37.

HOSOKAWA, Elder. **Da Colina "Rumo ao Mar": Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro, 1915-1947**. São Paulo:

Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

KEPPKE, Rosane; MONTEIRO, Egle; NASCIMENTO, Gisela. Como evitar a reprodução das desigualdades na produção do espaço urbano? Desafios do sistema de planejamento urbano e orçamentário. São Paulo, **Revista Simetria**, 8ª Edição, 2021, p. 115-131. Disponível em < <https://escoladecontas.tcm.sp.gov.br/images/simetria/revista-8/pag-115-131.pdf> > Acesso em 06.fev.2022.

KOWARICK, Lucio e BONDUKI, Nabil. **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1994.

LEFÉVRE, Rodrigo Brotero. **Projeto de um acampamento de obra: uma utopia**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1981.

MATHEUS, T. C. Vulnerabilidade social e solidariedade entre jovens: Jardim Ângela e Jardim São Luis. **Psicologia e Sociedade**, 31, e170505, 2019. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v31/1807-0310-psoc-31-e170505.pdf> > Acesso em 30.jan.2022.

MONTANER, Josep Maria e MUXÌ, Zaida. Repensar la praxi arquitectònica, texto publicado no jornal **La Vanguardia**, **Caderno Culturas** pgs. 28 e 29 no dia 25 de maio de 2011, Barcelona Espanha, com tradução livre de Silvia Chile.

NERY, Marcelo Batista; SOUZA, Altay Alves Lino de e ADORNO, Sergio. Os padrões urbano-demográficos da capital paulista. **Estudos**

Avançados [online]. 2019, v. 33, n. 97 Acessado 6 fevereiro 2022, pp. 5-36. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3397.002>>. Epub 2 Dez 2019. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3397.002>.

POMPÉIA, Roberto Alfredo. **Os laboratórios de habitação no ensino de arquitetura: uma contribuição ao processo de formação do arquiteto**. Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa das Desigualdades: Tabelas**. Disponível em <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Tabelas.pdf> Acesso em 06.fev.2022

XAVIER, Janaina S. e BAUERMAN, Jussara Schultz (org.) **Orientações de Ellen G. White sobre arquitetura e urbanismo**. Engenheiro Coelho: UNASP (apostila digital), 2021, 84p.

WHITE, E. G. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2013. Disponível em <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/A%20Ci%C3%Aancia%20do%20Bom%20Viver.pdf>> Acesso em 30.jan.2022.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre Mordomia**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2007. Disponível em <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos%20sobre%20Mordomia.pdf>> Acesso em 30.jan.2022.

WHITE, E.G. **Conselhos sobre o Regime Alimentar**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2007. Disponível em <

<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos%20sobre%20o%20Regime%20Alimentar.pdf>> Acesso em 30.jan.2022.